

A Consciência, o marco da nova humanidade

Maribel Barreto¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fomentar reflexões acerca da humanidade como prioridade e a consciência como recurso da nova humanidade, partindo da premissa de que é do ser consciente ser e estar dedicado ao serviço da humanidade. Partimos do princípio de que todas as crises da humanidade radicam-se numa crise única, que é a crise do ser humano. Neste sentido, cabe ao ser humano atenção, lembrança e observância ao que indica a noção exata de alma, consciência e Lei Natural para nossa evolução voluntária e consciente, lembrando que a humanidade é uma só família e nós, seres humanos, uma só irmandade. Metodologicamente, realizamos uma pesquisa bibliográfica que contempla os autores: Antônio Damásio (2010), Zukav Gary; Linda Francis (2004), Milton Santos (2000), Pierre Teilhard de Chardin (1980, 1994), Rupert Sheldrake (1992) dentre outros, que compartilham ideias que nos permitiram integrar a compreensão da temática proposta. Concluímos que a humanidade caminha em marcha, no próprio processo de evolução, em que cada um aprende por si e também, e principalmente, com o outro e com o todo ao redor, para além das individualidades e mesmo crenças particulares, a partir da unidade de pensamento entre a religião, filosofia e ciência, envolvendo não somente suas ideias, mas também os meios realizadores de todo este ideal almejado.

Palavras-chave: Humanidade. Educação. Consciência.

¹ Pós-doutora em Consciência, Transdisciplinaridade e Educação (Universidade Católica de Brasília/Brasil, 2009). Pós-doutora em Criatividade e Educação (Universidade de Brasília/UNB/Brasil, 2006). Doutora em educação (Universidade Federal da Bahia/Brasil, 2004). Mestre em educação. Especialista em Psicopedagogia. Graduada em Pedagogia. Título de Doutora Honoris Causa de Iberoamerica (CIHCE, 2007). Membro da Association for the scientific study of consciousness. Consultora em Ciências da Educação. Pesquisadora da temática Consciência há 16 anos. Coordenadora do Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social da Fundação Visconde de Cairu. Líder do Núcleo de Investigações Avançadas da Consciência (DGP/CNPQ). Avaliadora Institucional do Ministério de Educação. Experiência como educadora de diversas organizações governamentais, particulares e do terceiro setor. Experiência internacional como palestrante nos seguintes países: Portugal, Panamá, Estados Unidos (Califórnia e Massachusetts), Costa Rica e Peru. Autora dos livros "O papel da consciência em face dos desafios atuais da educação" (2005), "Teoria e prática de uma educação integral" (2006), "Ensaio sobre Criatividade – vol.I" (2007), "Ensaio sobre Criatividade – vol.II" (2008), "Os Ditames da Consciência – vol. I" (2009), "Os Ditames da Consciência – vol.II" (2010). Autora de diversos artigos científicos sobre a temática Consciência. Contato: www.maribelbarreto.com.br E-mail: maribelbarreto@terra.com.br

Abstract

The purpose of this article is to stimulate reflections regarding the priority of humanity and the role of consciousness as the tool for the new humanity, based on the premises that the conscious being is innately dedicated to serve humanity. Starting from the fact that all humanity crisis begin, inveterately, from one single crisis, the human being's. Therefore, it is of the human being to pay attention, remember and observer what the exact notion of soul, consciousness and Natural Law indicates to our voluntary and conscious evolution, remembering that humanity is one undivided and indivisible family, and we, human beings are one undivided and indivisible fraternity. Methodologically, our bibliographical research contemplates the authors: Amit Goswami (2011), Antônio Damasio (2010), Zukav Gary; Linda Francis (2004), Milton Santos (2000), Pierre Teilhard de Chardin (1980, 1994), among others, that share the ideias that allowed us to integrate the understanding of the theme proposed. We conclude that humanity walks through a direction, on its own evolution process, in which each one learns with oneself and, especially, with the other and with everything around, beyond individualities and even personal beliefs, through the union between religion, philosophical and scientific thoughts, involving not only their ideias but also the means of this wanted ideal.

Keywords: Humanity. Education. Consciosness.

1 Introdução

“O lapidador é para o diamante,
o que o renascido é para a Consciência humana”.
(Jair Tércio)

“Quero, Senhor, para melhor vos abraçar, que a
minha consciência se torne tão vasta quanto os céus,
a terra e os povos; tão profunda quanto o passado, o
deserto do oceano, tão sutil quanto os átomos da
matéria e os pensamentos do coração humano”.
(Pierre Teilard de Chardin)

“[...] ‘com o desenvolvimento da consciência’,
tornou-se possível analisar o futuro possível e
tardar ou inibir as reações automáticas”.
(Antônio Damásio)

A sociedade atual já tem elementos suficientes para perceber que os problemas que enfrentamos mundialmente não são apenas econômicos, políticos e tecnológicos. Eles são, em última análise, reflexo do estado moral/espiritual da humanidade. Eis que a

nossa experiência comprova que é o despertar, construção e desenvolvimento da consciência que implica progresso e não o avanço tecnológico.

Alcançamos grandes conquistas tecnológicas, como a energia atômica, os computadores, os foguetes espaciais, entre outras, e tais conquistas tem sido fortemente utilizadas para fins bélicos, com o objetivo precípua de destruir o próprio semelhante, as sociedades, porque não dizer a humanidade.

Além disso, estamos gradualmente passando os efeitos das causas criadas no que se refere ao meio ambiente. Temos convivido com destruições ambientais catastróficas das mais diversas ordens, de uma maneira incontrolável pela própria ciência, apesar de todo aparato tecnológico.

Tal conhecimento científico, entretanto, daria para extinguir muitas das enfermidades que comprometem a vida de milhares de pessoas, minimizar a pobreza, a destruição ambiental e conter a inanição até a sua completa extinção. Eis o valor da consciência, então!

E considerando que todas as crises da humanidade tem sua origem na crise do ser humano, é com ele que deveremos trabalhar com afinco, a partir da consciência, até porque a consciência traz o que é verdadeiro e isto é porta para outras concepções, percepções até novas ações, numa dimensão que envolve não somente a ciência, mas a filosofia e a religião, inclusive através da educação.

Educação esta que representa o novo estágio da humanidade, caracterizado pelo novo estado de consciência do Ser Humano. Nesta direção, o ser humano é iniciado na

senda do saber pensar, porquanto, tal processo, lhe favorece o que indica a noção exata de alma, de consciência e de Lei Natural, para a sua evolução abreviada consciente, fortalece-lhe o senso de decência, inclina-o a valorizar o zelo para com o frágil, o necessitado, o carente, bem como lhe impulsiona a ousar de forma persistente na busca do que é dito e tido como difícil, improvável ou impossível.

Para tanto, contamos com grandes educadores, os artistas, os sábios e os místicos, que de acordo com Storniolo (1994, p.7) podem nos revelar a beleza, a verdade e o amor, e educar a humanidade a ser humana, sem nada lhe impor ou mandar, mas simplesmente propondo e convidando.

Neste sentido, buscamos atingir o nosso objetivo, com o presente artigo, fomentando reflexões que evidenciam de forma clara, segura e definitiva que a humanidade é a prioridade e que a consciência é o recurso específico da nova humanidade.

Assim, vislumbramos a construção das bases de uma nova humanidade, e que as reflexões aqui compartilhadas possam servir como uma chave para abrir os portais da nossa interioridade, irmandade e interconectividade com o todo ao nosso redor, a partir de nós mesmos.

2 A Humanidade como prioridade

"Ser consciente significa ser e estar
dedicado ao serviço da humanidade".
(Jair Tércio)

"Age de modo que consideres a humanidade
tanto na tua pessoa quanto na de qualquer
outro, e sempre como objectivo,

nunca como simples meio."
(Kant)

"Foi a necessidade que nos impulsionou a observar
com atenção tudo o que está ao nosso redor
e utilizar isso com eficiência".
(Zukav Gary)

Inicio as reflexões acerca da humanidade, que é a nossa prioridade, com um sentido de totalidade que tal abordagem requer, compartilhando a sabedoria contada através de uma história imutabilista intitulada: **"Todos somos um"** (2001, p. 35), senão vejamos:

O'Cad era um dos grandes mestres imutabilistas. Um conhecedor profundo do caminho da virtuosidade. Em suas reflexões, com seus shelas, por exemplo, ele primava por sempre se expressar quanto ao valor do conhecimento relativo ao das virtudes essenciais. Dizia ele que a fortaleza, temperança, prudência, perseverança, esperança, caridade e fé eram uma mesma coisa, embora devessem ser resguardadas as suas proporções, considerando o grau de despertar da inteligência do seu buscador ou portador.

Em seu templo, uma certa feita, um discípulo novato na senda do Imutável, Dedo, ainda muito impaciente e um tanto incompreensivo, embora deveras aplicado em suas realizações de aprimoramento pessoal, um dia, após as tarefas de aprimoramento espiritual, buscou o seu mestre O'Cad, o amoroso, para se queixar de um outro dos seus discípulos, o Inho, que auto-intitulava: o mais liberado dos shelas; mas não pelo grupo que o considerava o mais irresponsável entre eles.

- Mestre, assim é demais, Inho nada quer fazer. Ele é de uma preguiça que dá dó, é de um orgulho, que sua estupidez denuncia. E o que é pior, é de uma vaidade insuportável, incabível e intolerável. Ele diz saber mais que todo mundo aqui do seu templo, e vive desdenhando, desprezando, bem como diminuindo os outros, como se fosse, senão o único, o melhor dos seus discípulos.

Disse Dedo ao mestre, que ouvira e continuou como estava, mas falando-lhe:

- Meu querido Dedo, afinal, qual a sua teoria acerca da humanidade como um todo?

Perguntou o seu mestre.

Muito rapidamente, Dedo falou, cheio de alegria que seu sorriso labial denunciava, demonstrando o quanto de saber tinha acerca do assunto questionado pelo seu mestre.

- Ora mestre, todos somos filhos de Deus; Dele viemos e a Ele retornaremos. Nós, o mundo e a humanidade somos um, e os fazemos como são e estão. Enfim, todos somos um.

- E então meu querido, de quem você está realmente falando? Perguntou o mestre, seguido de um silêncio desalentador e um aceno de mão que lhe era peculiar.

E Dedo?

Ah! Dedo procurou o chão... e depois deu preferência por realizar as suas tarefas de aprimoramento pessoal. Afinal, lavar pratos da primeira refeição do dia não lhe trazia constrangimento algum. Ele acabava de lembrar que é como ou com quem andamos que damos indícios e denunciemos quem somos.

Ser humano é buscar saber como
falar dos outros, porquanto,
todos somos uns a ampliação dos outros,
portanto, no fundo, quando falamos dos outros,
falamos de nós mesmos.

Tal como o discípulo Dedo, sentimos e podemos ver que muitos seres humanos ainda sofrem e criam, instalam e/ou mantêm conflitos de toda ordem na sociedade, por talvez ainda não compreenderem a força da totalidade que nos envolve e nos identifica universalmente.

Cabe-nos, entretanto, compreender que tal incompreensão corresponde ao próprio processo de evolução, em que cada um só pode dar o que é e tem e é a partir disto que poderemos trabalhar, intensamente, até a divinização. Segundo Chardin (1994) o sofrimento humano sobre a terra inteira é formado de energia possível. Para ele: “no sofrimento esconde-se, com intensidade extrema, a força ascensional do Mundo. Toda a questão é a de liberá-la, dando-lhe a consciência daquilo que ela significa e daquilo que ela pode” (CHARDIN, 1994, p. 96).

Tratando desta dimensão do sofrimento, Chardin (1994, 96) nos lança a seguinte indagação: “Que salto o Mundo faria em direção a Deus [...] se todos os sofredores da Terra unissem seus sofrimentos para que a dor do Mundo se torne um grande e único ato de consciência, de sublimação e de união: não estaria aí uma das mais altas formas que poderia tomar aos nossos olhos a misteriosa obra da Criação?”

Esta sensível e profunda reflexão de Chardin nos convida a termos o senso de unidade, irmandade e solidariedade, que é inversamente proporcional ao senso de separatividade, competitividade e desigualdade. E, neste sentido, vale lembrarmos que até pouco tempo, a parte habitada do nosso planeta era como que formada de frações separadas ou escassamente relacionadas do planeta. Somente agora a humanidade pode identificar-se como um todo e reconhecer sua unidade, quando faz sua entrada na cena histórica como um bloco (SANTOS, 2000).

É uma entrada revolucionária, graças à interdependência das economias, dos governos, dos lugares. O movimento do mundo revela uma só pulsação, ainda que as condições sejam diversas segundo continentes, países, lugares, valorizados pela sua forma de participação na produção dessa nova história. (SANTOS, 2000, pág. 170-171)

Há necessidade, entretanto, de conhecermos não somente o processo de desenvolvimento científico, mas ao mesmo tempo, sobre o processo de desenvolvimento da consciência do ser humano. Até porque é o despertar,

construção e desenvolvimento da consciência que implica o verdadeiro progresso e não o avanço tecnológico.

De acordo com a análise sociológica de Santos (2000) muito falamos hoje nos progressos e nas promessas da engenharia genética, que conduziriam a uma mutação do homem biológico, algo que ainda é do domínio da história da ciência e da técnica. Pouco, no entanto, se fala das condições, também hoje presentes, que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à experiência de cada pessoa e, também, do planeta. Sobre esta última perspectiva de mutação, Santos (2000) compartilha sua análise apresentando como o cotidiano de cada um traz impactos não somente para o momento presente como também anuncia aprendizagens coletivas e caminhos futuros:

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. (SANTOS, 2000, pág. 172-173).

Sentimos, pois, a humanidade em marcha, no próprio processo de evolução, em que cada um aprende por si e também, e principalmente, com o outro e com o todo ao redor, para além das individualidades e mesmo crenças particulares. Como bem afirma Chardin (1994, p.95) “quanto mais refletimos, com o auxílio de tudo aquilo que nos ensinam, cada uma em sua linha, a ciência, a filosofia e a religião, mais percebemos que o Mundo deve ser comparado a algum sistema organizado, animado por um grande movimento de crescimento que lhe é próprio”. E jamais a um feixe de elementos artificialmente justapostos, de forma fragmentada, compartimentalizada e/ou desconectada.

Na década de 40, Chardin já pré anunciava a existência de uma tarefa em curso no Universo, conforme destacamos:

o nascimento da realidade espiritual formada pelas almas, e por aquilo que estas carregam consigo de matéria. Laboriosamente, através da atividade humana e graças a ela, reúne-se, desprende-se e depura-se a Terra nova. Não, não somos comparáveis aos elementos de um buquê, mas às folhas e às flores de uma grande árvore, sobre a qual tudo aparece no tempo e no lugar certos, conforme a medida e a demanda do Todo. (CHARDIN, 1994, p. 96)

A nossa evolução assim vai se praticando de forma integrada com o todo, quer abreviada quer naturalmente, considerando o conhecimento do todo, a partir de nós mesmos, através de um processo de autorrealização que exige um enorme investimento de tempo e de energia, em trilhas evolutivas como bem define Crema (2002). Para ele: “O ser humano introduziu uma outra qualidade de evolução neste planeta: a evolução consciente e intencional” (CREMA, 2002, p. 5).

E à proporção desta evolução voluntária, consciente e intencional, nas nossas relações, primamos pelo diálogo ao invés do conflito, argumentação ao invés da ameaça, profundidade para além da superficialidade, espiritualidade para além da materialidade, bem como princípio moral ao invés da corrupção, violência e volúpia, de forma atenta, vigilante e perceptiva quanto ao que indica a noção exata de alma, consciência e Lei Natural; e com isso as nossas paixões e interesses pessoais vão sendo dominados pela capacidade de raciocínio, favorecendo equilíbrio à sociedade como um todo. E neste caso, destacamos o papel da educação, no sentido dos educadores, de um modo geral, oportunizarem tais reflexões aos educandos.

Assim, pensar numa nova humanidade significa pensar acerca de grandes educadores. Eis que Storniolo (1994, p. 7) revela serem os artistas, sábios e místicos os grandes

educadores, por caminharem à frente no tempo, no espaço e na profundidade do próprio ser, a todos revelando os caminhos e os horizontes que todos temos dentro de nós mesmos. Acrescenta:

Artistas, sábios e místicos são a fornalha onde o chumbo inconsciente vai alquimicamente se transformando no ouro da consciência. Com inspiração e transpiração eles vão humanizando o universo, a natureza e o próprio divino, re-conhecendo e interpretando o impulso infinito que está no âmago da realidade e traduzindo-o em sentido que a tudo ilumina. [...] O sentido último, portanto, está presente em tudo, e no mais íntimo do próprio humano. Está aí, à espera de ser descoberto e vivenciado conscientemente (STORNILO, 1994, p.6).

Aqui vale ressaltar que como tudo vem do Uno é tempo de descobrirmos a unidade no meio da pluralidade, pois cada criatura, quer seja artista, sábio ou místico, é uma versão do Criador e segundo Storniolo (1994, p. 8): “Cada um deles é um pequeno espelho, e Deus precisa de todos e de cada um dos seres para refletir-se totalmente, revelando completamente a sua beleza, verdade e amor. E a humanidade também precisa de todos eles”.

Nesta direção, cabe-nos unir tudo e todos também pelas diferenças e não só pelas semelhanças, considerando a humanidade como um todo, integrada com o Todo do qual somos e fazemos parte. Que possamos, assim, nos humanizar, nos tornar indivisíveis e nos divinizar, a ponto de não somente conhecermos, mas também nos autoconhecermos, momento a momento, em prol do autorrealizar, bem como reconhecer, nos integrar e nos totalizar; para tanto consciência despertar, e através da conduta demonstrar.

3 A Consciência como recurso da nova humanidade

“Sempre que necessário e justificável,
para o equilíbrio dinâmico do Universo,
uma Nova Ordem Mundial é então implantada
no seio da humanidade para realizar mutações
na consciência do gênero humano”.
(Jair Tércio)

“Qual a verdadeira contribuição da consciência?
A resposta é uma grande variedade de vantagens
óbvias e não tão óbvias na gestão da vida”.
(Antônio Damásio)

“[...] é melhor ser mais do que ser menos [...] é
melhor ser mais consciente do que menos
consciente. O primado da consciência é a
pedra fundamental de sua vida interior”.
(Pierre Teilhard de Chardin)

Chardin, em 1924, já buscava a superação de uma “crise evolutiva” por unificação da raça humana, construção de uma nova terra, percepção da onipresença divina [...] e através dos seus escritos demonstrava, já nesta época, o amadurecimento do seu sentido humano, isto é, sua tomada de consciência da Humanidade como totalidade.

Retornando dois mil anos no tempo, Cristo já evidenciara este caminho real da transmutação, de forma sábia, forte e bela, no Sermão da Montanha, conforme nos revela Meurois-Givaudan (1987, p.281-291):

É preciso que a rocha se transforme em pedra preciosa, que a erva seja árvore, que o animal desperte para a humanidade, que o humano se despoje para deixar surgir o iniciado, semelhante aos Irmãos das estrelas...

É preciso que o anjo desabroche em arcanjo, que do planeta brote um sol e, finalmente, que o sol se glorifique num fogo cósmico central.

Isso se realizará primeiro por uma eterização da matéria e das consciências ao nível de nosso universo, fenômeno consecutivo a uma purificação externa e interna de cada forma de existência.

Tudo tem a ver com o nível de consciência, o resto não passa de uma aplicação deste princípio, meus irmãos.

[...]

Nunca vos esqueçais disso, meus Irmãos, não vos esqueçais de ver grande, porque tudo é grande. O pequeno só tem significado na prisão de consciências reduzidas, que vosso amor seja grande, pois ele é a única força inextinguível que tudo envolve. Compreendei, finalmente: os mundos que brilham diante de vós, dos quais apenas vedes a casca mais vulgar, são os órgãos do corpo do meu Pai.

O Homem perfeito não é outro senão meu Pai e vós sois seus filhos, porque sois as partículas do seu corpo. Meu Pai vos chama para Ele a fim de crescerdes incomensuravelmente em consciência e vos tornardes outros homens perfeitos, criadores de mundos...

[...]

Sabei, de agora em diante, tomar consciência de cada uma das células de vosso corpo; identificai-vos com elas e fazei com que venham a identificar-se convosco. Na verdade, não deveria existir diferença entre ela e vós. Através deste conhecimento, através principalmente do amor, fazei a partir de agora brilharem com toda sua luz os sete sois fundamentais do vosso corpo, que eles sejam os sete sinais e as sete igrejas de vossa aliança com ele.

Este é o caminho real da Transmutação!

[...]

Num breve diálogo de parte do Sermão de Cristo com as reflexões de Chardin torna-se óbvia, lúcida e lógica a máxima de que: “[...] nada é compreensível no Mundo senão a partir do Todo, no Todo e é o amor o princípio totalizador da energia humana” (CHARDIN, 1980 p.122). E, nesta reflexão acrescentamos outra máxima de que não pode haver amor sem consciência, que é o pilar central da nova humanidade.

Nova humanidade esta que necessita ser educada para os devidos fins, de forma intensa, ininterrupta e impreterível. Neste sentido, é válido resgatar o significado da palavra educar, que vem do latim *educere*, e significa conduzir a partir de, extrair, desentranhar fazendo emergir a sua própria e íntima essência (ABBAGNANO, 2001).

Em consonância com a própria etimologia da palavra educar, Sheldrake (1992) defende um modelo educacional alternativo baseado na iniciação, mas de um tipo mais amplo, não restrito ao domínio intelectual. “Precisa envolver uma parceria entre o

especial e o geral. Precisa relacionar-se com a vida, não só em termos da instalação de torneiras, mas também em termos da tomada de decisões morais cotidianas sobre altruísmo, abnegação e sinergia” (ABRAHAM, 1992, p.185).

Este processo educativo deve, no mínimo, oportunizar meios específicos que possibilitem o despertar, conhecimento e desenvolvimento da consciência do ente humano, em função da sua necessidade essencial de conhecer, autoconhecer e autorrealizar, como premissas básicas do seu viver, até porque ser humano algum existe sem uma razão, um sentido, um propósito, bem como a Vida, em si, existe sem uma finalidade muito clara, segura e definitiva. Busquemos!

De acordo com tal reflexão, podemos afirmar que o ser humano não é apenas uma forma de existir, mas também de, concomitantemente, sentir, pensar e agir, a ponto de se tornar hábil em buscar e achar o que importa quanto ao seu processo de evolução abreviada e consciente, demonstrando, sua humanidade. Eis de onde poderá surgir uma novidade: inclusão do estudo sistemático da consciência na educação formal. Tenho dito!

Quer seja na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio ou mesmo no ensino superior, o estudo da consciência favorece o desenvolvimento de princípios ético-morais como diretrizes fundamentais para a boa conduta e boa condução, envolve a magia e a dimensão magestosa da filosofia, afeita ao pensamento, à mente, bem como o conhecimento e aproximação das Leis Universais, Leis Divinas, enfim de Leis Naturais que regem o Universo do campo da ciência, tudo isto favorecendo ao ser humano viver a vida absorvendo, em grau suficiente, o seu valor significativo real.

Noções estas, nossa experiência pode comprovar, que indicam aquilo que mais importa para a evolução abreviada do gênero humano, a partir da união dos princípios religiosos, filosóficos e científicos, auxiliando a humanidade, de maneira direta, correta e completa, quanto a busca da razão de nossa existência.

Eis que de acordo com McKenna (1992, p.185) faz-se necessário uma reforma emergencial na educação e assim propõe:

Na educação reformada, dever-se-á ensinar às pessoas que a história é um sistema de ressonâncias entrelaçadas no qual estamos todos encaixados. Precisamos ensinar aos nossos filhos que eles serão chamados a tomar decisões que afetarão o estado de vida deste planeta daqui a milênios no futuro.

A humanidade necessita, pois, de seres humanos conscientes do seu papel individual e social, cientes da sua responsabilidade como dever e da liberdade como um direito e que possam agir e interagir com base não só no conhecimento, mas, também, no autoconhecimento, porquanto sua meta é a autorrealização, conforme já evidenciado anteriormente.

E somente assim torna-se possível prevalecer o ser sobre o ter; o sentir sobre o saber; a solidariedade sobre a exploração, a paz sobre a guerra, a compreensão sobre a crítica; a profundidade sobre a superficialidade; a espiritualidade sobre a materialidade; enfim, o desconhecido sobre o conhecido, evidenciando desta feita que a humanidade já tem a noção exata de alma, de consciência e de Lei Natural, para a sua evolução abreviada consciente.

4 CONCLUSÃO

“A consciência do Ser Humano é diretamente proporcional àquilo que indica a Imutabilidade, ou seja, a Moralidade do Universo que a conduta dos corpos celestes denuncia”.
(Jair Tércio)

“A consciência que possuímos é a do Ser que está além da divisão sujeito-objeto. Não há no universo outra fonte de consciência.
(Amit Goswami)

“A consciência não se desvaloriza pela presença de processos não conscientes. Pelo contrário, o alcance da consciência é ampliado”.
(Antônio Damásio)

Por fim, esperamos que a consciência possa a cada dia se revelar; pelo conhecimento o ser humano possa se interessar; e, então, se aproximar das Leis Naturais, através do autoconhecimento se identificar com o seu Criador até o processo de autorrealizar, para bem humanizar até divinizar. Somente assim, podemos vislumbrar uma compreensão de unidade de todas as coisas.

Eis que a consciência nos une mutuamente e aquilo que temos em comum, nossa identidade universal, ultrapassa nossas diferenças e nos fortalece como humanidade, ajudando a conter, minimizar até extinguir as crises por que todos passam, que fazem parte do mundo da causalidade.

Concluimos, portanto, enaltecendo a consciência como o instrumento específico de identificação do que é verdadeiro, não-causal, atemporal e que ela nos torne hábeis para encontrar este mundo de não-causalidade, possibilitando-nos acessar os dois mundos, causal e não-causal, e transitar do externo para o interno e achar o interno que é porta.

Assim, precisamos centrar em nós mesmos, buscando sermos cientistas do interior até porque somente assim podemos conhecer as nossas profundezas, adentrar na dimensão do inconsciente e ir além, com foco na humanidade, a partir da nossa individualidade.

Experimentemos!

5 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABRAHAM, Ralph; McKENNA, Terence; SHELDRAKE, Rupert. **Caos, criatividade e o retorno do sagrado: triálogos nas fronteiras do Ocidente**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BARRETO, Maribel. **Teoria e prática de uma educação integral**. Salvador: Sathyarte, 2006.

_____. **Os ditames da consciência**. v. I. Salvador: Sathyarte, 2009.

_____. A consciência como primeira e última revolução. *In*: 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CONSCIÊNCIA, 2., 2010, Salvador. **Anais...** Salvador: Fundação Ocidentemte, 2010. 1 CD-ROM.

_____. **Os ditames da consciência: a consciência traz o que é verdadeiro e isto é porta**. v. II. Salvador: Sathyarte, 2010.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **Hino do Universo**. São Paulo: Paulus, 1994. – (Educadores da humanidade).

_____. **Meu universo e a energia humana**. São Paulo: Loyola, 1980.

CHABAL, Mireille. O que é o trabalho humano?. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco – O homem e a obra**. São Paulo:TRIOM, 2001. P.291.

COSTA, Jair Tércio Cunha. **Arca da liderança II**. Salvador: Sathyarte, 2010.

CREMA, Roberto. **Inteligência Integral**. Texto apresentado no V Congresso Holístico Pan-Americano e VIII Congresso Holístico Nacional: Pedagogia Iniciática – Educar Para Ser, 2002.

DAMÁSIO, António. **O livro da Consciência**: A construção do cérebro consciente. Trad. Luís Oliveira Santos. Lisboa: Temas e Debates, 2010.

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**. São Paulo: UNESP, 2008.

GARY, Zukav. FRANCIS, Linda. **O coração da alma**. São Paulo: Novo Paradigma, 2004. P. 21

GROF, Stanislav. GROF, Christina. **Emergência espiritual**: crise e transformação espiritual. São Paulo: Cultrix, 1989.

HARRIS, Sam. **A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão** – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. P. 237-238.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.

MEUROIS-GIVAUDAN, Anne e Daniel. **O caminho dos essênios**: a vida oculta de Jesus revelada. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 1987.

OCIDEMNTE - ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DE ESTUDOS MATERIAIS, NATURAIS E ESPIRITUAIS – 7º CDE. **Histórias imutabilistas**. Salvador: OCIDEMNTE, 2001.

_____. **Arca Sagrada**. Salvador: OCIDEMNTE, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.

STORNILO, Ivo. Educadores da humanidade. In TAGORE, Rabindranth. **Sadhama**: o caminho da realização. São Paulo: Paulus, 1994.